

É com certo júbilo que um cultor da História lê e festeja o livro: os temas vitais da atualidade costumam ser suscitados e tratados por outros cientistas sociais que não os historiadores, ou pelos *brazilianists*. Desta vez uma historiadora se antecipou, marcando assim uma vitória para a comunidade dos que se dedicam à História. É com autores e obras assim que a História conseguirá firmar-se e obter a consideração e o êxito de outras ciências sociais, saindo do segundo plano em que ainda se encontra.

FRANCISCO IGLÉSIAS

* * *

JAGUARIBE (Hélio) e outros. — *A dependência político-econômica da América Latina*. São Paulo, Ed. Loyola, 1976, 158 p.

O presente volume traz os quatro textos debatidos na 2a. Reunião da Assembléia Geral do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, em outubro de 1968, em Lima: 1). — Hélio Jaguaribe — *Dependência e autonomia da América Latina*; 2). — Aldo Ferrer — *Indústrias básicas, integração e corporações internacionais*; 3). — Miguel S. Wionczek — *O endividamento público externo e as mudanças setoriais no investimento privado estrangeiro da América Latina*; 4). — Theotônio dos Santos — *A crise da teoria do desenvolvimento e as relações de dependência na América Latina*, e os debates dos textos.

A independência da América Latina é ainda um fato a se concretizar, mesmo passado mais de um século da declaração política de independência e, mesmo após um quarto de século da última Grande Guerra, da qual se esperava o abandono de toda forma de colonização. Neste sentido, Jaguaribe assinala as tendências estruturais da América Latina: 1). — estagnação econômica, política, social e cultural; 2). — marginalidade; 3). — desnacionalização. Três alternativas básicas são decorrentes destas tendências: dependência, autonomia e revolução. A posição dos Estados Unidos dependerá da opção por uma destas três alternativas. Daí caber aos EE.UU. o caráter passivo de manter o *status quo*, ou assumir novas formas expansionistas, através das multinacionais e dos serviços de segurança, ou enfim, optar pela ação ou composição comunitária.

O segundo texto nos menciona o perigo concretizado pela perda de controle pelo país sobre as molas fundamentais da própria economia. O debilitamento da substituição de importações, a integração dos perfis industriais e as tendências de comércio mundial de manufaturados propiciam a integração latino-americana "como a criação de um subsistema da economia internacional que modifica a estrutura de vantagens comparativas dentro da qual se desenvolve atualmente o comércio exterior da América Latina" (pág. 72).

O terceiro texto é uma análise da posição dependente da América Latina devido as mudanças na vinculação financeira da região com o exterior durante os anos 1956-66. Aponta o Autor que “as maiorias latino-americanas desejam consciente ou inconscientemente, um tipo de desenvolvimento que possua certas características dos dois sistemas econômicos aparentemente antagônicos, — (revolução socialista e “países sucursais” das grandes potências industriais de livre empresa) — sem chegar a ser cópia de um deles” (pág. 66). Aqui o Autor chama a atenção para o envolvimento ideológico com que se trata o investimento privado externo no desenvolvimento econômico da América Latina. De um lado, a empresa privada possui um número impressionante de virtudes econômicas, sociais e éticas, de outro, esta se comporta como um ser diabólico. O grau crescente da dependência financeira da América Latina não satisfaz os postulados nacionalistas que propugnam pela diminuição do grau de dependência financeira externa. Parece-nos que a maioria das repúblicas latino-americanas não passa de uma formação social capitalista estatal dependente, para usar a expressão do Prof. C. L. Bresser Pereira.

O último texto trata da teoria do desenvolvimento e duas falhas na explicação da realidade social presente. O desenvolvimento “não é uma questão técnica, uma transição dirigida por tecnocratas de uma sociedade definida por modelos mais ou menos fundamentais na abstração formal de experiências do passado” (pág. 107). Resume o Autor o debate nos seguintes pontos: 1). — a teoria do desenvolvimento deve situar-se nas várias situações históricas concretas; 2). — a teoria deve abstrair nestas circunstâncias concretas, as leis gerais do desenvolvimento das sociedades particulares, e 3). — na definição destas leis, a teoria deve ter sempre presentes as contradições internas do processo, sem tentar reduzi-lo à transição linear. O próprio conceito de desenvolvimento e subdesenvolvimento passou por uma reformulação, uma vez que a industrialização não eliminou os obstáculos atribuídos à sociedade tradicional. Surge daí o conceito de dependência como fator explicativo desta situação. Esta dependência se caracteriza com uma situação que condiciona uma certa estrutura interna, a partir do desenvolvimento e expansão de outra economia. Daí a articulação necessária entre interesses dominantes nos centros hegemônicos e nas economias dependentes.

Quanto ao Debate dos temas, temos aí a complementação da exposição dos autores. Tal livro completa, do ponto de vista econômico, político e sociológico, a noção de subdesenvolvimento industrializado, dando novos elementos para a compreensão da realidade latino-americana.